

Aprendizados com a experiência de estágio em alfabetização em turma de EJA¹

*Lecciones aprendidas de la experiencia de prácticas de alfabetización en
una clase de educación para adultos*

*Lessons learned from the literacy internship experience in an adult
education class*

Tassiane Cristina da Silva²

Estela Maris Giordani³

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os aprendizados obtidos durante a experiência do estágio supervisionado em pedagogia durante a regência em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA) durante a etapa inicial no processo de alfabetização. O relato de experiência é uma metodologia qualitativa em que predomina a descrição analítica de uma determinada vivência a fim de explicitar a problemática proposta pelo investigador, que neste caso foram as aprendizagens da docência em uma turma de EJA. Revisitamos nossos registros, recuperando nossa memória a fim de construir a sistematização e análise de nossa experiência. Como pressupostos teóricos-metodológicos de nossa prática, optamos em trabalhar com autores como Paulo Freire (1970; 1987; 1996; 2011), Vygotsky (2007, dentre outros que trabalham na perspectiva emancipatória da autonomia do aprendiz. Entendemos que este estudo pode ser importante para subsidiar a formação de outros profissionais pedagogos que se desafiam a alfabetizar turmas de EJA. Essa experiência formativa foi de grande importância para a nossa formação uma vez que, podemos ampliar nossa formação, a partir de uma proposta que nos desafiasse e exigisse nossa constante renovação e revisão tanto teórica quanto prática.

Palavras-Chave: alfabetização na EJA; estágio curricular; formação pedagógica; prática pedagógica.

Resumen

Este artículo analiza las lecciones aprendidas durante las prácticas docentes supervisadas en pedagogía, impartiendo clases en un aula de Educación para Jóvenes y Adultos (EJA) durante la etapa inicial del proceso de alfabetización. El informe de experiencia es una metodología cualitativa en la que predomina la descripción analítica de la experiencia vivida para elucidar el problema planteado por el investigador, que en este caso fue el aprendizaje de la enseñanza en un aula de EJA. Revisamos nuestros registros, recuperando nuestra memoria para sistematizar y analizar nuestra experiencia. Como fundamentos teóricos y metodológicos, nos basamos en

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino-Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2025.

² Maior Titulação; Afiliação; cidade, estado e país; e e-mail de contato. Exemplo: “Mestre em Estudos Culturais; Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura - CLAEAC; Foz do Iguaçu, Paraná, Brasil; teste@claec.org”.

³ Doutorado; Universidade Federal de Santa Maria; Santa Maria, Rio Grande do Sul - Brasil; estela.giordani@ufsm.br.

autores como Paulo Freire (1970; 1987; 1996; 2011) y Vygotsky (2007), entre otros, quienes trabajan desde la perspectiva emancipadora de la autonomía del aprendiz. Consideramos que este estudio puede ser importante para la formación de otros profesionales de la pedagogía que se enfrentan al reto de impartir alfabetización en aulas de educación para adultos. Esta experiencia formativa fue de gran importancia para nuestra formación, ya que nos permitió ampliarla, a partir de una propuesta que nos desafió y exigió nuestra constante renovación y revisión, tanto teórica como práctica.

Palabras-clave: Alfabetización en la educación de adultos; prácticas curriculares; formación pedagógica; práctica pedagógica.

Abstract

This article aims to analyze the lessons learned during the supervised teaching internship in pedagogy while teaching in a class of Youth and Adult Education (EJA) during the initial stage of the literacy process. The experience report is a qualitative methodology in which the analytical description of a given experience predominates in order to elucidate the problem proposed by the researcher, which in this case was the learning of teaching in an EJA class. We revisited our records, recovering our memory in order to construct the systematization and analysis of our experience. As theoretical and methodological assumptions for our practice, we chose to work with authors such as Paulo Freire (1970; 1987; 1996; 2011), Vygotsky (2007), among others who work from the emancipatory perspective of learner autonomy. We understand that this study can be important to support the training of other pedagogical professionals who are challenged to teach literacy to adult education classes. This formative experience was of great importance to our training since it allowed us to expand our training, based on a proposal that challenged us and demanded our constant renewal and revision, both theoretical and practical.

Keywords: Literacy in adult education; curricular internship; pedagogical training; pedagogical practice.

1. Introdução

O objetivo deste trabalho é realizar o relato de experiência explicitando as aprendizagens que ocorreram na nossa formação como pedagoga em alfabetizar uma turma de EJA, durante a realização do estágio curricular supervisionado do curso de Pedagogia noturno, no primeiro semestre de 2025. A turma do EJA possui oito educandos e, ao iniciar o trabalho, encontramos na turma em diferentes níveis de aprendizagem e construção da língua escrita, além de dois estudantes inclusos.

A Etapa I da Educação de Jovens e Adultos (EJA) corresponde à alfabetização, voltada para pessoas que ainda não adquiriram a leitura, a escrita e o cálculo básico. O foco principal é proporcionar aos alunos condições de se expressarem oralmente e por escrito, desenvolvendo a leitura e escrita de palavras, frases e pequenos textos. Essa etapa busca estimular a compreensão do mundo ao redor, por meio do diálogo, da interação e da relação entre linguagem e experiência de vida do aluno. O estágio curricular no curso de Pedagogia é um momento essencial na formação docente, pois permite vivenciar na prática o que foi aprendido ao longo da graduação. É no contato com a escola, com os alunos e com os professores que a teoria ganha vida e sentido. Durante o estágio percebi que ser pedagogo vai

muito além de ensinar conteúdos é compreender o outro, escutar, acolher e encontrar caminhos para tornar a aprendizagem significativa. Cada dia na escola foi um aprendizado diferente sobre os alunos, sobre o trabalho docente e também sobre mim mesma. Essa experiência me fez refletir sobre a importância do professor como mediador do conhecimento, alguém que inspira, orienta e aprende junto com seus alunos. O estágio não é apenas um requisito do curso mas sim uma etapa transformadora que fortalece a identidade profissional e desperta o compromisso com a educação.

O estágio proporciona vivenciar a prática pedagógica nos anos iniciais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), articulando teoria e prática para o desenvolvimentos de uma ação docente reflexiva, inclusiva e transformadora, que respeite as experiências e saberes dos estudantes. Observar o funcionamento de uma turma de EJA, reconhecendo as especificidades do público jovem e adulto no processo de alfabetização e letramento. Planejar e desenvolver atividades pedagógicas que valorizem conhecimentos prévios e as vivências dos alunos. Compreender os desafios e as potencialidades da prática docente na EJA, refletindo sobre as estratégias que favoreçam a permanência e o sucesso dos estudantes. Promover ações educativas que estimulem a autonomia e o protagonismo dos alunos. Fortalecer a identidade docente a partir da experiência direta com a realidade da EJA, exercitando a escuta, a empatia e a mediação do conhecimento.

Este trabalho de conclusão de curso foi realizado por meio de metodologia qualitativa como um relato de experiência. O relato de experiência, conforme Antunes et al (2024) é uma metodologia de pesquisa que privilegia a descrição sistemática de um fenômeno vivido pelo pesquisador, a partir de sua análise a fim de explicitar uma problemática de pesquisa. Neste estudo, o pesquisador se coloca a tarefa de explicitar o seu olhar por meio de “um processo minucioso de descrição, com vistas a uma comunicação científica que busca ser fidedigna” (ANTUNES et all, 2024, p. 6). Neste sentido, buscamos neste artigo, refletir sobre as vivências, aprendizagens e desafios observados durante o estágio curricular no Anos Iniciais da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

2 Fundamentos que guiaram minha prática

Ser professor é guiar os alunos para construção do conhecimento, não é somente transmitir conhecimento mas sim motivar o aluno a ter compreensão do mundo em que vive. A forma como o professor ensina leva o aluno a sentir-se motivado para entender as dificuldades do cotidiano e saber compreendê-las.

Quando falamos em professor do EJA é preciso compreender que a forma que temos que ensinar vai estar aliada a realidade de vida dos alunos, trazer a realidade deles para sala de aula e só assim conduzir a aprendizagem. Na sala de aula da Educação de Jovens e Adultos (EJA) é possível encontrar uma diversidade de alunos com histórias de vida próprias, alguns com dificuldades motoras, baixa visão ou algum outro tipo de deficiência. Muitos trabalham o dia todo e chegam cansados, outros tem vergonha de estar frequentando a escola depois de adultos.

O professor tem que estar preparado profissionalmente e como ser humano para lidar com essas questões que exigem mais sensibilidade. Os alunos da EJA buscam a escola por diversos motivos, seja por qualidade de vida, para que possam ler coisas simples que fazem parte do seu cotidiano ou até mesmo para melhor espaço no mercado de trabalho. O papel do professor ou pedagogo na relação com o aprendiz é fundamental, pois vai além de transmitir conhecimentos. Ele deve atuar como um facilitador, criando um ambiente de confiança, respeito e acolhimento.

Para estabelecer essa relação pedagógica, é importante conhecer o estudante, entender suas necessidades e interesses, e usar uma abordagem que valorize a escuta, a empatia e o protagonismo do aprendiz. Assim, a relação se torna mais significativa e contribui para um aprendizado mais efetivo e prazeroso para ambos.

No Estágio IV, buscamos seguir algumas teorias e princípios que são importantes para nossa vida, como a obra Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, que constitui um dos principais marcos da educação crítica e libertadora sendo de grande importância para a prática e compreensão da Educação de Jovens e Adultos (EJA). O livro, apesar de ter sido escrito em 1968, ainda apresenta reflexões atuais e necessárias para pensar na educação como ato de emancipação.

Na perspectiva freireana a educação nunca é neutra e pode servir tanto para a manutenção de uma opressão como para a libertação dos sujeitos oprimidos. No caso da EJA trata-se de um espaço marcado pela exclusão escolar por diversos motivos, sendo assim o

ensino da EJA assume uma função não apenas de ensino de conteúdos, mas também como um resgate da cidadania e da autoestima do aluno. Paulo Freire (1970) nos sugere trabalhar a “educação problematizadora” que parte do diálogo e da realidade concreta dos alunos. Isso significa que devemos trabalhar com temas significativos e que tenham relação com a vida cotidiana, com o trabalho e as vivências sociais dos alunos, de modo que o aprendizado seja contextualizado e relevante para eles.

Outro conceito importante que aprendemos na obra de Paulo Freire é a conscientização de que aprender a ler e escrever não se limita em decifrar códigos mas sim a “leitura de mundo”, o que significa que devemos favorecer ao estudante reconhecer a sua própria história e condição social e assim acreditar que é capaz de transformar a sua realidade, nesse sentido a prática de ser dialógica, crítica e participativa valorizando o saber de cada aluno. Aplicar a pedagogia freireana na EJA significa reconhecer o aluno como um protagonista, respeitar a sua história de vida e promover uma educação comprometida com a dignidade humana e a transformação social.

Outra obra que traz muitos conceitos importantes é a Pedagogia da Esperança que foi publicada por Paulo Freire em 1992, nos remete uma ideia de acreditar na transformação e agir para que ela aconteça e os educadores devem manter a fé nos alunos e em suas capacidades mesmo diante das dificuldades. Mesmo diante das dificuldades, é possível perceber que a aprendizagem na EJA acontece de forma significativa quando o professor compreende a ludicidade como estratégia pedagógica. De acordo com Kishimoto (2011), o lúdico é uma forma de aproximar o conhecimento da realidade do aluno, despertando o interesse e a participação ativa no processo de aprender. Na EJA, o uso de jogo, dinâmicas e atividades criativas permite que o adulto aprenda de modo prazeroso, valorizando seus saberes e experiências de vida.

Conforme destaca Freire (1987), o diálogo é o caminho para uma educação libertadora pois possibilita a escuta, o respeito e a construção coletiva do conhecimento. Assim, ao dialogar com os alunos e compreender suas histórias o educador cria condições para que o ensino se torne mais humano e transformador.

Outro autor que me guiou em meus estudos foi Lev Vigotsky, suas contribuições são fundamentais para compreender e orientar as práticas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Sua teoria destaca que aprendizagem é um processo essencialmente social

construído nas interações entre sujeito e mediado pela linguagem e pela cultura (VIGOTSKY, 2007).

No EJA o processo educativo deve reconhecer e valorizar os saberes prévios dos estudantes adquiridos em suas experiências de vida, de trabalho e de convivência social. Essa valorização está em consonância com a perspectiva vigotskiana que compreende o conhecimento como resultado das relações entre indivíduo e o meio. Assim o professor assume o papel de mediador criando situações de aprendizagem que favoreçam a troca de experiência e a construção coletiva do saber (REGO, 2012).

Outro conceito central é o de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que representa o espaço entre o que o aluno já é capaz de realizar sozinho e o que pode alcançar com o apoio de outros. Segundo Vigotsky (2007), é nesse intervalo que o ensino exerce seu papel formador, impulsionando o desenvolvimento. Na EJA, muitos estudantes retornam à escola após longos períodos afastados, e o acompanhamento próximo, as atividades contextualizadas e o incentivo entre colegas são fundamentais para promover avanços dentro dessa zona de desenvolvimento (OLIVEIRA, 1997).

A linguagem para Vigotsky, é o principal instrumento de mediação entre o pensamento e o conhecimento. Por meio dela, o sujeito organiza o mundo e constrói significados. Na EJA, o diálogo, a leitura e a escrita assumem papel central, pois permitem aos alunos expressar suas vivências, refletir sobre a realidade e elaborar novos conhecimentos (FREITAS, 2010). Vygotsky compreende que a aprendizagem está vinculada à cultura e ao contexto social. Por isso a EJA deve propor práticas pedagógicas significativas, que partam das experiências dos educandos e estejam conectadas ao seu cotidiano.

3 As práticas pedagógicas e as aprendizagens

Neste tópico vamos refletir sobre as nossas práticas pedagógicas no contexto escolar da Alfabetização de uma turma de EJA. Quando iniciamos nossas práticas, no primeiro momento já ficamos encantadas com a diversidade que encontramos em sala de aula, é uma realidade que não tem como imaginar antes ir para a escola. A turma é muito boa de trabalhar, bem participativa em todas as atividades, porém a turma tem uma certa dificuldade em conseguir acompanhar a aula seguindo todos no mesmo ritmo. Observamos que eles têm uma

certa dificuldade em fazer temas, por isso, procuramos trabalhar sempre as atividades em sala de aula e não utilizamos livros didáticos. Notamos ainda que eles ainda estão em processo de alfabetização e não possuem livros didáticos, a alternativa que adotamos foi o trabalho com folhas reproduzidas.

Ao iniciar o estágio sentimos uma mistura de medo com coragem. Iniciamos a aula me apresentando e contando um pouco da minha história acadêmica e encorajando-os a estudar pois isso é muito gratificante e faz bem estar sempre aprendendo. Relatamos que frequentamos a parte final do curso de pedagogia e que nosso objetivo é trabalhar com alunos do EJA futuramente como profissão. Nos sentimos bem acolhidos pelos alunos e sentimos que alguns ficaram um pouco envergonhados no primeiro momento, mas acredito que isso vai passando com o tempo.

Ao iniciar com a proposta de alfabetização conforme aprendemos com a professora Estela, sentimos um pouco de resistência da turma com olhar de curiosidade como se aquela proposta não fosse resolver os problemas de alfabetização deles. Um aluno chegou a comentar que era coisa de criança. Mesmo assim, confiou e participou da atividade quando percebeu que seria algo muito maior do que uma simples atividade com letras e sílabas. Nesta proposta fomos desafiando os estudantes a descoberta de algumas palavras, foi feita a leitura das palavras com os alunos um pouco ainda tímidos mas conseguiram finalizar a proposta.

Essa experiência que vivemos faz muitas referências com o que Paulo Freire traz em sua obra Educação como prática da Liberdade, pois o diálogo é um ponto de partida para a alfabetização e Freire acreditava que todo o ser humano é portador de saberes, inclusive os alunos do EJA que muitas vezes foram excluídos da escola por inúmeros problemas que os fizeram parar de estudar no passado (FREIRE, 2011).

Para Freire (1996) é preciso respeitar o sentimento do aluno, então quando um aluno diz que é coisa de criança é preciso acolher e construir uma confiança pois essa resistência inicial é natural já que esse quadro cheio de sílabas não faz parte do mundo dos alunos. Freire (1987) acreditava que aprender deveria ser uma ato político de libertação, então o fato de eu escolher a modalidade EJA para fazer o estágio faz parte de uma coragem que mesmo com muitos medos e inseguranças é capaz de mudar o mundo.

Com coragem e confiança fomos logo mostrando as vantagens de trabalhar com o quadro de sílabas e como era fácil encontrar palavras, os alunos ficaram um pouco

desconfiados com aquela proposta mas começaram a não ter vergonha de ir no quadro. Uns iam e outros ainda permaneciam quietos copiando.

Ao terminar de encontrar as novas palavras fiz uma tentativa de brincadeira com sílabas com eles sentados em duplas mas não foi bem aceito pela turma. Então logo já tive que trocar a atividade para manter os alunos interessados, começamos escrever no quadro como se escreve nomes de familiares e assim fomos finalizando com algumas curiosidades.

Ao adaptar a proposta conforme o interesse dos alunos, usamos os conhecimentos adquiridos ao longo da minha trajetória no curso de pedagogia em que Paulo Freire veria isso como um exemplo prático de educação dialógica, como o professor aprendendo com a turma e ajustando o ensino de forma participativa. Dias depois continuamos a iniciar a noite trabalhando o quadro de sílabas e encontramos as mesmas palavras do dia anterior e mais algumas palavras novas, nessa aula os alunos estavam mais à vontade e se ofereceram para ir no quadro encontrar novas palavras e uns encorajaram os outros para que fossem, então todos começaram a ficar mais dispostos parece que aquela barreira inicial começa a se quebrar e a aula passa ser mais divertida. Paulo Freire em sua teoria no texto na Pedagogia do Oprimido, sinaliza que “ninguém educa a si mesmo, os homens educam entre si sendo mediatizados pelo mundo”. (FREIRE, 1987, p. 68).

Segundo Freire (1987), a educação é uma troca na qual os professores e alunos aprendem juntos e se transformam mutuamente a partir da realidade que compartilham. Trabalhamos um pouco mais as sílabas, cada dia que passa os alunos sentem mais confiança em realizar as atividades, ficamos conversando no intervalo entre as aulas e percebemos que nos aproximamos mais deles fazendo com que se sintam à vontade em participar das aulas. Percebemos que a maior dificuldade em aprender é em falar que não entenderam ou falar errado, minha idéia daqui pra frente é mudar isso e deixar a turma mais acolhedora e unida para que eles mesmos se ajudem.

Essa reflexão faz referência com a pedagogia freireana de que a educação precisa ser um espaço de diálogo e respeito, onde o erro não é motivo de constrangimento, mas parte natural do processo de aprender. Em Pedagogia da Autonomia, Freire defende que ensinar exige coragem para dialogar e criar um ambiente onde o aluno possa falar, errar e aprender coletivamente sem medo de julgamento. “Não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e aos homens.” (FREIRE, 1996, p. 107).

A aula foi bem produtiva, conseguimos trabalhar com muitas palavras novas e os alunos ficaram curiosos para saber como era escrito o nome das linhas de ônibus que eles costumam pegar para ir na aula. Então, depois de todas as atividades escrevemos todas as linhas de ônibus e cada um anotou a sua no seu caderno. No final da aula eles sempre perguntam se eu vou estar no próximo dia novamente. Acreditamos que por ser professora estagiária eles tem a sensação de que eu posso ir embora a qualquer momento. Uma das premissas fundamentais da educação principalmente na perspectiva de Paulo Freire é que o processo de ensino-aprendizagem deve partir da realidade concreta do educando. Isso significa que o conteúdo abordado precisa ter sentido para a vida dos estudantes, aproximando o conhecimento escolar com as suas experiências, saberes e contextos culturais.

Freire (1989) destaca que a “leitura do mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, primeiro o aluno precisa compreender o seu contexto para, então, construir o conhecimento formal. Quando o ensino conecta-se à realidade dos alunos, aumenta o engajamento, a motivação e a compreensão crítica dos conteúdos, pois o conteúdo deixa de ser abstrato e se torna significativo. No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa conexão é ainda mais importante, dado que os alunos trazem uma bagagem rica de vivências e desafios que precisam ser respeitados e valorizados no processo educativo. A prática docente enquanto estagiária apresenta muitos desafios e, entre eles, esta é a construção da autoridade e do vínculo como estagiária ainda não tem a mesma autoridade formal de um professor efetivo. Isso gera uma insegurança tanto para o docente quanto para os alunos que têm dúvidas sobre a continuidade da presença da professora (Freire, 1996).

Fizemos a atividade da palavra escondida ao ver aqueles cartões colados no quadro começaram a comentar entre eles o que será que tem ali embaixo daquele ponto de interrogação escrito na folha, então a turma começou ir fazer a atividade no quadro com aquela desconfiança de que palavra teria ali e encaram o desafio como se fosse uma prova bem difícil de fazer. A prática do professor, especialmente na Educação de Jovens e Adultos, exige muito mais do que o domínio do conteúdo. É necessário desenvolver habilidades nas relações humanas para criar um ambiente de confiança, respeito e diálogo.

O docente precisa argumentar de forma clara e respeitosa, reconhecendo que os estudantes adultos carregam experiências de vida e saberes prévios que influenciam na forma de aprender. Um dos principais desafios é compreender os sentidos e significados que cada

estudante atribui ao conhecimento relacionando as propostas pedagógicas à sua realidade e às suas necessidades. Quando o professor consegue estabelecer esse vínculo aumenta a motivação e o engajamento dos alunos, pois o aprendizado deixa de ser algo distante e passa a ter utilidade prática.

Engajar adultos exige uma sensibilidade para perceber os ritmos e as formas de aprendizagem, flexibilidade para adaptar estratégias e criar situações desafiadoras que despertem seu interesse. Segundo Paulo Freire (1996), ensinar é um ato de diálogo e de construção conjunta, e o professor, ao mesmo tempo que conduz, também aprende com seus educandos. A turma estava animada, já estavam acostumados com a minha presença então percebemos que a aula fluiu de forma tranquila quando foram apresentadas novas palavras geradoras e eles ficaram curiosos com as palavras que saíam do quadro. Fizemos o jogo de bingo de sílabas com fichinhas coloridas e cartelas com sílabas, eles adoraram a brincadeira a cada ficha sorteada era uma folia da turma. Observamos que eles aprendem melhor quando estão se divertindo, então cuidamos para não ficar monótona na aula. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 68).

Essa frase do livro “A Importância do ato de ler”, reforça que o uso de palavras geradoras e a curiosidades dos alunos por elas que estão partindo do universo que eles já conhecem e vivem. “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria construção.” (FREIRE, 1996, p. 47). Essa frase da “Pedagogia da Autonomia” combina com a percepção de que o lúdico como o jogo de bingo de sílabas cria condições para que a aprendizagem aconteça de forma prazerosa e ativa.

No dia do aniversário desta estagiária, fomos surpreendidas pelas duas turmas do EJA, as professoras Denise e Cátia se organizaram com os alunos trouxeram presentes de aniversário tornando esse dia mais especial ainda, nos sentimos acolhida de uma forma que não cabe no peito de emoção. Gratidão por ter vivido esse momento. Para Freire o professor não é apenas um transmissor de conteúdos, mas alguém que constrói laços afetivos com os alunos trazendo uma postura acolhedora e próxima inspira afeto e respeito, criando um ambiente de aprendizado significativo. “Ensinar exige a corporeificação das palavras pelo exemplo.” (FREIRE, 1996, p. 38).

A aula foi muito divertida, a cada palavra nova eles vibravam e o tempo passou que nem percebemos, depois da atividade de leitura e escrita mostramos para os alunos a tabela de um a mais um a menos. A proposta não foi bem entendida, acabamos adaptando e colocando os números que estavam faltando na tabela sem fazer o cálculo como na proposta inicial do jogo, pois eles ainda trocam os números parecidos. Então deixamos a atividade correr dessa forma para que consigam se familiarizar com os números.

Segundo Freire, devemos respeitar o tempo de aprendizagem de cada aluno e não forçar etapas para as quais ainda não estão prontos, evitando que a dificuldade se transforme em barreira emocional. (FREIRE, 1996, p. 113). Tivemos uma aula voltada para o raciocínio lógico e os alunos gostaram da atividade, foi um pouco mais demorado para chegar na resposta final pois eles ficaram confusos em ter que raciocinar tanto para resolver o problema. Esse momento de desafio e construção do conhecimento é muito próximo da visão de Freire, que ressalta que educar é dar sentido às ações cotidianas e que o aprendizado se dá no diálogo entre a experiência do aluno e o conteúdo proposto. Além disso, Freire destaca que respeitar o tempo do aluno é essencial para que ele construa seu próprio entendimento sem ter frustrações.

Percebemos uma outra dificuldade que os alunos podem enfrentar ao tentar, é a falta de visão. Como a maioria da turma já é de mais idade, já tem um pouco de dificuldade para enxergar letras pequenas como as de bulas de remédio no qual trabalhamos na aula de hoje. Aprendemos que além das dificuldades previstas temos que estar sempre preparados para que a aula não se torne uma frustração e cause desânimo para o aluno. Essa reflexão se alinha ao pensamento de Freire de que o educador deve estar aberto às condições reais dos estudantes, adaptando-se para garantir que todos possam aprender de forma digna e participativa.

Confeccionamos um quadro de formação de sílabas grande para ficar pendurado na sala para melhor visualização das sílabas, levei um tecido de cor azul e folhas de papel. Cada aluno recortou e escreveu em pequenos pedaços de papel as famílias silábicas e foram colando no tecido, não foi preciso ajudar eles na escrita das sílabas pois de trabalhar todos os dias eles já aprenderam a ordem correta das sílabas. Nem pareciam os mesmos alunos de um mês atrás ainda com vergonha e insegurança ao escrever agora participavam com confiança e autonomia.

Essa experiência reforça a importância de atividades concretas e colaborativas, que não apenas desenvolvem a alfabetização como também fortalecem o sentimento de pertencimento e valorização do próprio aprendizado. A confecção do quadro, além de ser um recurso pedagógico permanente para a sala de aula, também representou um momento de cooperação e troca entre os alunos, fortalecendo o vínculo do grupo e tornando visível o progresso alcançado.

Segundo Paulo Freire (1996), a educação deve ser um ato de liberdade, em que o aluno se reconhece como sujeito ativo da sua aprendizagem. Ao construir o quadro coletivamente, os estudantes não apenas fixaram o conteúdo, mas também vivenciaram processo de cooperação e valorização do saber que já possuíam. Além disso, essa atividade evidencia que o conteúdo está ligado ao contexto e à experiência do aluno, ocorre mais engajamento e significado no aprendizado. Na EJA esse vínculo com a realidade e o respeito ao tempo de cada um são fundamentais para promover avanços consistentes, tanto no aspecto cognitivo quanto na autoestima. A técnica da leitura inteligente proposta por Giordani e Rambo (2013) reforça a importância do protagonismo do aprendiz estimulando-o a participar ativamente do processo de leitura e interpretação. Essa prática ao favorecer a autonomia e a reflexão crítica, contribui para que o aluno acredite no seu potencial e desenvolva autoestima e segurança intelectual.

Um dia muito especial, foi quando a professora orientadora Estela foi nos visitar na escola, no início ficamos nervosas e parecia que tudo iria dar errado e que nada do que foi desenvolvido estava certo. Contudo, isso fazia parte do nosso nervosismo que estava sufocando fazendo aquele turbilhão de pensamentos tomar conta de tudo. Enfim ela chegou e me avaliou de uma forma que eu achamos fantástica pois ela chamou cada aluno para testar seus conhecimentos, foi aí que eu percebi que eu tinha feito um bom trabalho.

Ficamos observando eles respondendo e pude perceber que eles tinham evoluído muito desde o dia em que iniciamos o estágio, até nos emocionamos ao ver a “J” lendo e identificando as sílabas, p coração se encheu de orgulho e paz de estar no caminho certo para ser uma professora dedicada e comprometida com os alunos.

Nesse momento lembramos das palavras de Paulo Freire: ensinar não é simplesmente transmitir conhecimento, mas criar condições para que o estudante construa o seu próprio saber (FREIRE, 1996). Percebemos que cada momento de avanço que presenciamos também

era um ato de autoafirmação dos alunos. Com o intuito de diversificar a rotina e estimular o interesse pela leitura, organizamos uma atividade diferenciada. Levamos a turma para a biblioteca para coleta de revistas e, em seguida, retornamos para sala de aula para realizar a leitura em formato de roda de conversa. A proposta favoreceu a participação coletiva tornando a aula leve e descontraída. Os alunos demonstraram satisfação ao perceberem que conseguiam ler as frases completas presentes nas revistas, o que reforçou a sua confiança e valorizou o seu protagonismo no processo de aprendizagem. Conforme Giordani e Rambo (2013), ao participar ativamente da leitura, analisando e compreendendo o texto, o aluno se reconhece como sujeito histórico capaz de pensar, agir e transformar a sua própria realidade. Ao final, a atividade rendeu momentos de descontração e risada com as reportagens encontradas, reforçando a importância de integrar prazer e significado à leitura.

Enfrentamos um desafio singular. Devido a forte chuva, apenas um aluno compareceu à aula. Naquele momento sentimos vontade de cancelar a atividade, mas optamos por cumprir o nosso papel e transformar a situação em uma oportunidade. A experiência mostrou-se um pouco estranha, pois a interação não ocorreu de forma natural como em uma turma cheia, exigindo flexibilidade e adaptação para reorganizar o planejamento e manter o interesse do estudante. Em contextos assim, é fundamental valorizar o protagonismo do aprendiz, incentivando-o a participar ativamente e a reconhecer-se como capaz de construir seu próprio conhecimento (GIORDANI; RAMBO, 2013). Essa conduta está alinhada à Pedagogia Ontopsicológica que defende o professor como sujeito consciente e reflexivo, capaz de integrar dimensões cognitivas e emocionais para favorecer uma aprendizagem significativa (GIORDANI; MENDES, 2011).

Essa vivência, embora inicialmente desconfortável, revelou-se extremamente formativa. Compreendemos que a prática docente vai muito além da execução de um plano de aula pré-definido, exigindo resiliência, criatividade e presença pedagógica para lidar com cenários inesperados. Percebemos que, mesmo com apenas um aluno, é possível promover um momento de aprendizagem significativo e manter o vínculo pedagógico. Assim, a experiência reforçou a importância de transformar as adversidades em oportunidades de crescimento profissional e humano, fortalecendo a postura enquanto futura educadora.

Ao trabalhar leitura e escrita por meio de folhinhas, percebemos que os alunos demonstraram grande interesse e relataram que gostaram deste tipo de atividade, pois sentem

que aprendem mais. Essa percepção dialoga diretamente com as ideias de Paulo Freire (1996) que nos lembra que o aprendizado não acontece apenas pela transmissão de conteúdos, mas sobretudo quando o estudante tem a oportunidade de praticar, experimentar e refletir sobre aquilo que foi ensinado.

Para Freire (1996), a prática pedagógica deve ir além da educação bancária, em que o professor apenas deposita informações, ela deve se constituir como um ato de construção coletiva do conhecimento, no qual o aluno se torna sujeito ativo da sua própria aprendizagem. Nesse sentido, ao realizar as atividades escritas, os alunos não apenas repetem mecanicamente o que foi ensinado, mas concretizam o conhecimento e tomam consciência do que já são capazes de fazer. É justamente nesse momento de prática que se dá a “leitura do mundo” proposta por Freire (1996), os estudantes não só exercitaram a técnica de leitura e da escrita, mas também compreendem que são autores do seu processo de aprender.

Houve uma noite que estava muito frio, e como havia poucos alunos, organizamos um pequeno círculo no canto da sala, próximo ao ar condicionado. Essa disposição possibilitou um trabalho mais próximo e acolhedor, favorecendo a interação entre os estudantes. A aula ocorreu de maneira tranquila, cada aluno escreveu sua ficha de leitura e em seguida realizamos troca entre eles, destacando a importância de escrever com calma e clareza de modo que o colega pudesse ler e compreender as palavras escritas.

Essa prática se relaciona com a perspectiva freireana de que a escrita não é apenas uma técnica, mas um ato de comunicação e diálogo. Paulo Freire (1996) nos lembra que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”, e, nesse sentido, escrever para o outro é um exercício de responsabilidade e de consciência de que a linguagem é sempre uma forma de interação.

Ao compartilhar suas fichas os alunos não apenas treinaram sua escrita, mas também vivenciaram a experiência de que escrever é comunicar-se com o outro tornando a aprendizagem significativa. Outra noite de desafios, pois o frio deixou os alunos mais quietos e com a mobilidade reduzida pelas camadas de roupa. Entretanto, à medida que fomos avançando nas atividades, o clima deixou de ser um obstáculo e a aula seguiu seu curso normal. Com calma e tranquilidade, realizamos a leitura das fichas de cada aluno. O momento foi bastante divertido, especialmente quando o senhor “J” leu apenas a primeira palavra e depois inventou o restante da frase. Ele acreditou que seria repreendido mas fizemos o

contrário o elogiamos pela sua criatividade na formação de frases. Sugerimos que ele continuasse o exercício em casa como forma de fixação da aprendizagem. O grupo reagiu com sorrisos e continuamos a leitura com leveza sem que percebêssemos o tempo passar.

Essa vivência demonstra a importância de valorizar a criatividade e a experiência de cada aluno, tal como nos orienta Paulo Freire, ao defender uma pedagogia centrada no diálogo e no respeito aos saberes do educando. Para Freire (1997, p. 67) “ensinar exige respeito da autonomia do ser do educando”. Ao reconhecer a inventividade do senhor “J”, nós como professoras valorizamos sua participação ativa e reforçamos a ideia de que aprender não é apenas repetir o que já está dado, mas também construir e reconstruir saberes a partir da realidade de cada sujeito.

Dessa forma, a aula não se restringiu à leitura técnica das palavras, mas se tornou um espaço de criatividade, acolhimento e partilha de saberes, aspectos fundamentais para uma prática educativa dialógica. Iniciamos a aula enumerando o quadro de 1 a 50 e desafiamos os alunos a completar todos os números com palavras, sem recorrer ao quadro de sílabas.

Explicamos que não havia problema caso não se lembrassem da escrita correta de alguma palavra, mas que mais importante era atribuir um sentido ao que estavam escrevendo. Assim fomos preenchendo os números coletivamente e corrigindo pequenas trocas de letras juntos. Durante a atividade percebemos o quanto a relação de confiança construída ao longo dessa trajetória em sala favoreceu para que ela acontecesse de forma natural, sem receios ou medo de errar. O mais significativo foi notar a mudança de postura do grupo, antes mais individualizados, hoje já demonstram disposição para o diálogo, a cooperação e a construção conjunta do conhecimento.

Essa vivência se aproxima da concepção defendida por Paulo Freire, que ressalta que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1996, p. 30). Ao compreender que o erro não é um fracasso, mas uma possibilidade de aprender, os alunos se sentem encorajados a participar ativamente, fortalecendo a autonomia e confiança em si mesmos. Como o clima estava novamente bem frio, os alunos demonstraram certa ansiedade em ir para casa descansar. A presença foi reduzida, mas mesmo assim buscamos aproveitar o encontro, iniciamos com um jogo rápido de bingo, que permitiu manter em prática as atividades de leitura de maneira leve e lúdica. Em seguida abrimos uma roda de conversa sobre os aprendizados da semana. Nesse momento os alunos recordam que as férias estavam

próximas e compartilharam suas expectativas, sentimentos e lembranças sobre o que já aprenderam até agora.

Percebemos que esse espaço de diálogo foi fundamental para fortalecer os vínculos entre o grupo e para que os alunos pudessem reconhecer sua própria trajetória de aprendizagem. Como nos lembra Paulo Freire (1996, p. 43), “a prática educativa é tudo isso: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico, mas, sobretudo compromisso com os educandos”. Assim mesmo em uma noite fria e com poucos presentes, foi possível transformar o encontro em um momento significativo de troca, escuta e reflexão.

A professora “D” explicou aos alunos uma atividade que será feita na próxima semana sobre a linha do tempo. Muitos ficaram apreensivos com receio de que fosse necessário expor suas histórias de vida, principalmente as experiências mais dolorosas. Diante das inúmeras perguntas e da confiança que eles demonstraram em conversar conosco sobre essas dificuldades, sentimos a necessidade de propor uma roda de conversa para acolher os sentimentos do grupo.

Explicamos que não havia motivo para medo ou vergonha, pois cada história carrega um mundo valioso e singular a ser partilhado, aos poucos eu percebemos que o medo maior era revisitar os momentos tristes ou até traumáticos vividos por alguns deles. Mostramos então a possibilidade de trazer para a atividade apenas aspectos positivos como conquistas, aprendizados, alegrias e até mesmo sonhos para o futuro. Dessa forma poderiam falar de si mesmo sem medo de julgamentos.

Ficamos muito felizes ao perceber que essa conversa os encorajou a ressignificar a proposta da atividade, transformando o exercício em uma oportunidade de fortalecer a autoestima e valorizar a trajetória construída no EJA. Sentimos que ao fortalecê-los e encorajá-los nós nos fortalecemos. No recreio estivemos com eles em um momento leve e descontraído, conversamos, comemos pipoca e tomamos suco de quentão. No final da aula “C” estava ansioso para mostrar os passos que havia aprendido na aula de dança, então arriscamos acompanhá-lo para que se sentisse valorizado e feliz.

Essa experiência reforça a concepção freireana de que a educação é sempre um ato de diálogo, afeto e respeito. Para Paulo Freire (1996, p. 39) “ensinar exige disponibilidade para o diálogo”. Ouvir as angústias e ajudar os alunos a enxergar novas possibilidades diante dos

seus medos, foi uma forma de tornar o aprendizado mais humano e significativo. Mais do que trabalhar conteúdos, tratou-se de fortalecer a coragem de viver e de aprender juntos.

Iniciamos a aula com a escrita de algumas palavras e também com folhinhas de formação de sílabas, atividades que os alunos gostam bastante, pois gostam de escrever e de comemorar cada conquista em suas produções. Em seguida realizamos uma atividade utilizando cartas de baralho, cuja proposta inicial era trabalhar as somas. Embora a atividade não tenha se desenvolvido exatamente como planejado, os alunos se divertiram ao tentar realizar os cálculos, demonstrando que o aprendizado também pode acontecer em um clima de alegria e leveza.

No final da aula tivemos uma grande surpresa, o senhor “P”, aluno mais reservado, aproximou-se para compartilhar uma conquista pessoal, ele contou que, durante o período que esteve nas aulas, enviou seu notebook para o conserto e que, graças ao que já aprendeu em aula estava conseguindo explorar algumas funcionalidades básicas do aparelho. Ficamos felizes ao perceber como aquilo que ensinamos em sala pode impactar de maneira prática e significativa a vida dos alunos.

Esse episódio reflete o pensamento de Paulo Freire (1996), quando afirma que “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”. Ao reconhecer e valorizar os pequenos avanços de cada aluno, fortalecemos a sua confiança e mostramos que aprender não se restringe ao espaço da escola e se estende a vida cotidiana. Até mesmo gestos simples como escrever, brincar com cartas ou aprender usar o computador, torna-se experiências libertadoras, pois revelam aos estudantes que são capazes de transformar sua realidade a partir dos saberes construídos.

Tentamos novamente o jogo de cartas, mas dessa vez com uma dinâmica diferente. Ainda assim, percebemos que é muito difícil para os alunos dissociarem as cartas de jogos antigos já conhecidos, o que limitava o desenvolvimento para proposta inicial. Diante disso, resolvemos recorrer aos jogos de tabuleiro disponíveis no armário da sala de aula.

A experiência foi bastante positiva, pois havia jogos de perguntas e respostas que estimularam a participação de todos, tornando a aula mais divertida e produtiva. Essa adaptação reflete a importância de observar o grupo e reorganizar o planejamento sempre que necessário, valorizando o interesse e a cultura prévia dos alunos. Paulo Freire (1996) destaca que “ensinar exige pesquisa e respeito aos saberes dos educandos”, lembrando-nos de que a

prática pedagógica não pode ser rígida, mas deve se reinventar constantemente para dialogar com a realidade e as vivências da turma.

Assim, ao trocar a atividade das cartas pelos jogos de tabuleiro, a aula se transformou em um momento de aprendizagem coletiva, pautada na ludicidade, no diálogo e na valorização do saber de cada aluno. Ao trabalhar com o dinheirinho falso e utilizar materiais escolares como mercadorias, percebemos a espontaneidade dos alunos, alguns lembraram brincadeiras da infância, quando usavam folhas de árvore como dinheiros, trazendo à tona memórias afetivas que tornaram ainda mais significativas.

Ao mesmo tempo em que praticavam cálculos e noções de valor, reviveram experiências que conectam aprendizagem, afeto e vida cotidiana. Esse momento dialoga com a pedagogia ontopsicológica, que entende a educação como um processo de despertar da essência vital do aluno, valorizando suas experiências e memórias autênticas.

Nesse mesmo sentido, o jogo com o dinheirinho falso, não foi apenas uma atividade de matemática, mas uma forma de reconectar o aluno com a sua própria história, fortalecendo a autoestima e identidade. Ao mesmo tempo, a experiência se relaciona com o pensamento de Paulo Freire, que lembra que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção e construção” (FREIRE, 1996, p. 25).

Ao valorizar as memórias dos alunos e transformar um jogo em experiência de aprendizagem, a atividade tornou-se um espaço de diálogo e construção coletiva. Assim a aula uniu a ludicidade valorizada ontopsicologia como expressão autêntica de vida com o diálogo e a autonomia defendidos por Freire, mostrando que aprender é um ato humano integral que envolve razão, emoção e história de vida.

Os alunos soltaram a criatividade e começaram a colocar no papel as histórias que gostariam de compartilhar com os colegas. Surgiram cartazes lindos e coloridos, que refletiam não apenas fatos da vida de cada um, mas também emoções e memórias, esse momento foi marcado por uma conexão profunda com o passado, trazendo à tona experiências pessoais, mas de forma leve e criativa; transformando-se em partilha e aprendizado coletivo. Essa experiência dialoga com a pedagogia freireana que compreende a educação como um processo de leitura do mundo e a valorização da história de cada sujeito. Como destaca Freire (1996, p. 22), “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”.

Ao colocar suas trajetórias em cartazes, os alunos reconheceram-se como autores de suas histórias, exercitando a autonomia e o diálogo com os colegas. Iniciamos a aula escrevendo algumas palavras no quadro e em seguida fizemos uma tentativa com o jogo de cartas, desta vez com mais calma, os alunos conseguiram realizar a atividade proposta, embora não tenham se mantido motivados por muito tempo. Percebemos que, mesmo diante da perda de entusiasmo, o importante foi o esforço em tentar novamente, exercitando a paciência e cooperação. Após essa experiência, retomamos os trabalhos nos cartazes da linha do tempo, que a cada dia ficam mais lindos e repletos de informações significativas sobre a vida de cada um.

Esse momento revela a importância de respeitar o ritmo e o interesse dos alunos, como fala Paulo Freire (1996, p. 67), “ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando”. Ao insistir em retomar o jogo de cartas, mesmo que brevemente os alunos puderam vivenciar a superação de uma dificuldade, já na continuidade dos cartazes vivenciaram a alegria de contar suas histórias, reafirmando a ideia freireana de que educar é valorizar os saberes e experiências que os alunos trazem consigo.

Durante a atividade da linha do tempo, juntamos as duas turmas do EJA. Como acontece sempre que trabalham em conjunto, os alunos ficaram agitados, mas o clima foi de envolvimento e entusiasmo. Realizamos a construção de um cartaz coletivo, no qual serão colados os cartazes individuais de cada aluno.

O resultado ficou muito bonito, revelando a criatividade e o empenho de todos na construção de uma memória visual compartilhada. Esse momento reforça a visão de Paulo Freire (1996, p.78) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo”. Ao unirmos as turmas a atividade ganhou um caráter colaborativo, e que o aluno teve a oportunidade de perceber o valor da sua contribuição no conjunto e, ao mesmo tempo, reconhecer-se como parte do coletivo.

Penúltimo dia prática de ensino, e passamos a noite envolvidos na construção dos cartazes da linha do tempo. A cada instante os alunos buscavam enfeitar ainda suas produções com adereços coloridos ou lembravam de novas memórias que desejavam compartilhar, esse movimento de acrescentar, relembrar e embelezar demonstra não apenas dedicação à atividade, mas também desejo de eternizar suas histórias no papel.

Percebemos neles um misto de alegria e tristeza pela nossa despedida. Para nós esse dia foi especialmente marcante pois parecia que um filme estava passando na cabeça, olhávamos para cada aluno com vontade de permanecer ali, dando continuidade a esse trabalho tão bonito que construímos juntos. Dentro de nós, surgia a pergunta sobre qual caminho percorrer para voltar, e se ao retornar encontraria ainda os mesmos alunos. Esse momento traduz o que Paulo Freire (1996, p. 22) afirma ao dizer que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”.

Nos cartazes, cada aluno registrou não apenas palavras, mas pedaços da própria vida, revelando que a educação é também uma forma de narrar e de dar sentido à existência. A tristeza da despedida mostra a intensidade da relação que construímos que vai além dos limites do conteúdo escolar e alcança a dimensão humana do cuidado e da presença.

Na noite da despedida, a coordenadora preparou uma surpresa para os alunos, um bingo para todos os alunos do período noturno, com brindes que iam de cadernos até camisetas e relógios. No início, percebemos que os nossos alunos ficaram um pouco tímidos diante de tantas pessoas reunidas no mesmo espaço, mas à medida que a brincadeira se desenvolvia foram se soltando e aproveitando o momento de alegria.

Entre professoras nos dividimos para ajudar os alunos a encontrar os números sorteados, e foi nesse momento de proximidade que presenciamos cenas inesquecíveis como a do aluno “C” com a alegria estampada no rosto fazia gestos para me mostrar os prêmios que havia ganhado. E, logo mais à frente, os olhinhos tímidos da “J” nos procurando para também dividir sua alegria de ter sido sorteada, nesses pequenos gestos revelam a profundidade do vínculo construído ao longo do tempo juntos, o carinho e a necessidade de dividir as vitórias, mesmo que simples com quem fez parte da sua caminhada. Essa experiência dialoga diretamente com o pensamento de Paulo Freire, que nos lembra que “a alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca” (FREIRE, 1996, p. 133). O bingo da despedida, foi mais do que uma atividade recreativa, foi um espaço de encontro, celebração e partilha.

Conclusão

Neste relato de experiência analisamos nossas práticas pedagógicas desenvolvidas ao longo do estágio curricular supervisionado no curso de pedagogia da UFSM em uma turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). No início nos deparamos com algumas resistências da turma, tendo em vista que, entraram a forma de trabalho diferente daquela que a professora regente adotava. No início eles ficaram um pouco receosos com o método, mas ao longo do período fomos criando uma relação positiva de confiança o que possibilitou que a proposta fosse cumprida. Entendemos que na fase adulta, é desafiador retornar para escola depois de um longo período de afastamento. Essa percepção fez com que as aulas fossem adaptadas, conforme fomos criando vínculo e assim conquistando a confiança dos adultos.

Ao longo das nossas práticas houve grande dificuldade por parte dos educandos adultos em aprender, em falar que não entenderam ou em falar algo errado. Também houveram momentos de desafio e construção do conhecimento exigindo o pensamento lógico, o que nos levou a compreender que educar é dar sentido às ações cotidianas e que o aprendizado se dá no diálogo entre a experiência do aluno e o conteúdo proposto.

As situações de aprendizagem mais produtivas ocorriam quando conseguimos trabalhar com muitas palavras novas principalmente quando estas eram relacionadas de forma significativa às suas necessidades e vivências. Ficaram curiosos para saber como era escrito o nome das linhas de ônibus que eles costumam pegar para ir na aula. Então escrevemos todas as linhas de ônibus e cada um anotou a sua no seu caderno.

Uma das premissas fundamentais da educação principalmente na perspectiva de Freire (1996) é que o processo de ensino-aprendizagem deve partir da realidade concreta do educando. Isso significa que o conteúdo abordado precisa ter sentido para a vida dos estudantes, aproximando o conhecimento escolar com as suas experiências, saberes e contextos culturais. Ao final do período de estágio notamos que os alunos apresentaram avanços significativos, especialmente na construção de leitura e escrita. Foi possível acompanhar a evolução gradual tanto no aspecto de aprendizagem quanto na participação nas aulas.

Percebemos a importância de usar palavras geradoras e materiais concretos para facilitar a alfabetização assim como a necessidade de adaptar diferentes níveis de aprendizagem, a valorização do protagonismo dos educandos permitindo que construam e

percebam seu próprio avanço. Aprendemos que devemos respeitar o ritmo individual compreendendo que cada progresso tem um valor especial e que a relação de respeito e confiança com cada um é tão importante quanto o conteúdo ensinado. O educador, não é apenas um transmissor de conteúdos, mas aquele que constrói laços afetivos com os educandos trazendo uma postura acolhedora e próxima inspira afeto e respeito, criando um ambiente de aprendizado significativo.

A turma demonstrou grande interesse nas atividades propostas. Apesar das diferenças de idade, ritmos de aprendizagem e histórias de vida, os alunos se mostraram dispostos a aprender e compartilhar suas experiências, o que contribuiu para um ambiente rico em troca de saberes. Foi possível perceber avanços significativos da leitura, da escrita e da participação em aula. Alguns desafios ainda permanecem, como a dificuldade de frequência escolar e a motivação para seguir estudando. De modo geral a turma mostrou-se dedicada e motivada, isso só reforça a importância da valorização do aluno como ser humano, o diálogo e a conexão do conteúdo com a realidade dos alunos.

Referências

ANTUNES, Jeferson et al. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. *Rev. Pemo*, Fortaleza, v. 6, e12517, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517>.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIORDANI, Estela Maris; MENDES, Adriane M. M. Pedagogia Ontopsicológica na orientação do estágio dos anos iniciais do ensino fundamental. *Nuances: estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, SP, v. 20, n. 21, p. 44-62, set./dez. 2011. DOI: <http://dx.doi.org/10.14572/nuances.v20i21.1091>. Acesso em: 21 set. 2025.

GIORDANI, Estela Maris; RAMBO, Márcia Cristiane. Leitura como instrumento de construção do sujeito histórico. *Revista Latino-Americana de História*, v. 2, n. 6, p. 1145, ago. 2013. Edição Especial.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Tecnologia, educação e democracia**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. Apêndice, p. 173-195.

VIDOR, Alécio; BARBIERI, Josiane B. P.; GIORDANI, Estela Maris; SPANHOL, Carmen I. D.; WAZLAWICK, Patrícia. **Uma nova pedagogia para a sociedade futura: princípios práticos**. Recanto Maestro, RS: Ontopsicológica Editora Universitária, 2014. 74 p. ISBN 978-85-64631-17-5.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. **Vygotsky e a Educação: implicações pedagógicas de sua teoria**. Petrópolis: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento — um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 2012.

VIGOTSKY, Lev S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.